

Anistiado político: TARZAN DE CASTRO

Data de nascimento:

Meu nome é Tarzan de Castro. Tarzan é um nome diferenciado, que era sempre notado.

Nasci em Alto Araguaia, no Mato Grosso, na década de 30. A família da minha mãe era retirante do Nordeste. Meu avô morreu no caminho fazendo roça. Minha mãe foi criada por um tio que tomou conta da família; tio Cirilo Rodrigues da Silva, que se converteu e, inclusive, morreu como religioso. Ele nunca se casou, era religioso demais.

Minha mãe era filha única e não podia ler nada. Só podia ler coisas da catequese do padre do Alto Araguaia na época. Ela era inquieta, queria ler outras coisas. Havia um comerciante árabe considerado muito sério por lá, João Zaiber, dessa família Zaiber que tinha aqui, eram vários, e meu tio autorizou que ela lesse o que esse senhor lia e recebia pelos Correios. Dentre as obras que ele recebia, tinha romances do Tarzan (naquela época nem eram quadrinhos) eram romances. Era o que ela lia, e então se apaixonou por aquele herói e disse que seu primeiro filho se chamaria Tarzan. Sou simplesmente de uma série de onze que ela teve; e tive que carregar esse nome. Até tentei mudar de nome; pois, sofri e apanhei muito. Tenho riscos nos braços de cortados porque apanhava na rua. Bater no Tarzan era uma glória. Naquela época Tarzan não era como hoje; Tarzan era como o Batman, o herói dos quadrinhos.

Com doze anos de idade já em Jataí, tentei trocar de nome. Fui ao cartório e quando minha mãe soube, precisava da autorização dela, ela desabou a chorar e chorou por uns três dias. Então tomei uma decisão: até o fim da vida, velhinho, estarei de bengalinha, mas continuarei com prazer a chamar Tarzan por causa da minha mãe.

Falarei dos codinomes chamados, também, de nomes de guerra. Quando se estava na militância clandestina, você não usava seu nome (ainda mais se chamando Tarzan), era a mesma coisa de chamar o policial. Todos tinham o nome de guerra e isso fazia parte das regras da clandestinidade.

Tive vários nomes de guerra ou codinomes, era: Sérgio, Antônio, Paulo, Rodrigo, Rogério, me lembro de vários.

Eu era do partido e o partido o transferia para que você atuasse, por exemplo, no interior de São Paulo. Se precisasse ir para a capital, você teria que usar outro codinome. Em Pernambuco fui preso com outro nome.

Em uma época vi um material do Exército onde se relatava como eram as características do indivíduo: a altura, o cabelo e os codinomes que poderia estar utilizando. Então, ter codinome era uma regra geral, não era um caso específico meu; todos militantes tinham, e era uma maneira de se proteger. Você chegava a uma reunião de quem você não conhecia, havia dez caras cada um com seu codinome, até para que você, em caso de prisão, não entregasse seu companheiro. Você poderia até falar o codinome, mas o nome verdadeiro era uma maneira de proteção da clandestinidade, e isso é universal.

MILITÂNCIA

Por volta de 1956, me mudei de Jataí para Goiânia. Em Jataí eu já militava, fui presidente do Grêmio do Colégio Estadual Nestório Ribeiro. Trabalhei em teatro. Havia uma figura interessantíssima do DNE, um carioca, diretor de teatro, seu João. Montávamos peças de teatro e eu participava dessa situação. Fui presidente do Grêmio e organizamos em Jataí uma série de atividades do movimento estudantil. Participávamos de congressos estaduais e reuniões do movimento.

Quando voltei para Goiânia eu era um militante. O que eu não tinha realmente era uma formação; nenhuma opção ideológica, uma postura do ponto de vista do engajamento. Era um movimento estudantil sem compromissos maiores. Tínhamos compromisso apenas com o setor, com a categoria. Era puramente do movimento estudantil secundarista.

Vim para Goiânia, fui estudar no Lyceu. Naquela época o movimento estudantil era muito forte. A população em Goiás ainda era muito pequena. Goiânia era uma cidade de provavelmente duzentos e poucos mil habitantes. Todo mundo conhecia todo mundo; a maioria se deslocava a pé ou de bicicleta. Tinham algumas lotações, mas as próprias pessoas da chamada elite da época eram ciclistas. Foi nesse quadro que cheguei a Goiânia e fui estudar no Lyceu. Já vinha com algum conhecimento, pois já havia participado de congressos estudantis fora de Jataí e vim para Goiânia com algumas ligações.

O Lyceu era um colégio-centro das atividades. Naquela época a Universidade Federal não existia, as universidades não existiam. Inclusive a Faculdade de Engenharia funcionava no próprio Lyceu. Na Rua 20 funcionava a Faculdade de Direito, que era a mais importante. Tinha uma Faculdade de Farmácia e outra que, se não me engano, era de Odontologia. O fato era que quase não havia um movimento universitário. O movimento secundarista era que ocupava esse espaço, e os universitários eram os agregados. Posteriormente as coisas foram mudando, o conteúdo da movimentação; mas o movimento estudantil secundarista e posteriormente o movimento universitário, tinham uma papel muito importante dado, acredito, por essa fragilidade do ponto de vista industrial e comercial que era a realidade política e sociopolítica econômica de Goiás na época.

Fui bedel no Lyceu, foi meu primeiro emprego em Goiânia. Em Jataí trabalhei muitos anos como ourives. Vindo pra cá, pensei que para me manter aqui trabalharia como ourives, mas chegando consegui esse emprego de bedel no Lyceu. Eu vigiava a disciplina de alunos e professores.

Com o passado que eu tinha, com o conhecimento que eu já possuía e com a disposição de militar no movimento estudantil influenciado por muita situação concreta que existia na época, passei logo a ter um destaque no movimento estudantil dentro do Lyceu. Logo no primeiro ano houve eleição para a presidência do Grêmio; candidatei-me e incrivelmente fui eleito Presidente deste que era o principal Grêmio da época. Não sei se pelo meu nome, se pelo apoio

que consegui dentro do próprio movimento estudantil, ou se porque as pessoas que se destacaram no Lyceu estavam ligadas a mim. Dou um destaque especial a Sanito Arantes, que era presidente do Grêmio do Lyceu, e eu o substituí. Ele era irmão do Aldo Arantes e principal figura da família naquele momento. Tivemos uma ligação muito profunda, uma imensa amizade; ele me apoiou e em consequência disso, uma série de outras lideranças.

Fui presidente do Grêmio do Lyceu, se não me engano, nos anos de 1957 e 1958. Foi esse um período muito intenso. Houve muita movimentação e naquela época as lutas já eram marcadas por uma luta nacionalista, democrática; luta pelo Petróleo é nosso, luta por bandeiras nacionalistas. Havia um movimento que era fundamentalmente do Partido Comunista Brasileiro, que era a principal força política de esquerda. Tinham as variantes como os trotskistas, que chamávamos de neo trotskistas; o pessoal que era ligado a POLOP; e o pessoal que era ligado a uma tendência mais radical dentro do partido. Havia essas variantes, mas o centro era o partido.

Podemos destacar pessoas importantes para o movimento estudantil na época, e depois no movimento comunista: Elbio Guimarães de Brito, por exemplo, um ‘figuraça’ no partido; Walter Valadares; Meire Baiocchi que estudava no Lyceu (fundou o movimento da Liga Feminina do Lyceu na minha época) foi a pioneira do movimento feminista em Goiás ligada ao Partido Comunista Brasileiro. Tinha uma quantidade imensa de profissionais liberais. Tinha o Chico Chagas, Chicão. Havia vários militantes do partido que temos que lembrar inclusive para não cometer injustiça. Havia uma intensa mobilização feita pelo Partido Comunista Brasileiro.

Tinham os chamados grupos católicos que também tinham uma influência muito grande. Nessa época, logo em seguida, chegou a Goiânia o Padre José Maria Pereira, que veio com a missão de organizar o movimento junto à juventude da igreja. Era um padre muito carismático, com uma influência muito grande, que conseguiu organizar a JUC, a JEC. Nesse desdobramento posso me lembrar de algumas lideranças dessa época ligadas a ele; por exemplo, Vi D’angelis, o Vaní de Andrade, Henrique Meireles, que estudava no Lyceu, Solon Amaral, Zoroastro Maranhão, enfim, era uma comunidade católica militante e que nos contrapunha.

Caí nos braços da esquerda porque eu morava em uma república na Avenida Paranaíba e lá tinha um militante do Partido Comunista Brasileiro, que era meu colega de república, e ficamos muito amigos. Ele dizia que eu era uma pessoa que trabalhava no movimento estudantil, mas que não tinha cabeça nem orientação e que eu acabaria sendo instrumento da direita. Dizia que eu era mais de direita que de esquerda e que um homem inteligente como eu precisava ler e estudar. Enfim, me deu uma “barriada” brutal e aquilo me chamou atenção.

Ele me deu algumas coisas para que eu lesse. Eu nunca me esqueço de que dentro da literatura de esquerda ele me deu o livro “Os dez dias que abalaram o mundo” e disse que eu precisava lê-lo. Eu tinha muito tempo vago e li o livro, que realmente mexeu comigo. Abalou-me profundamente e passei a ter uma simpatia, uma aproximação com as ideias de esquerda a partir daí. Esse companheiro se chamava Antônio Siqueira. Quero até prestar uma homenagem a ele, que hoje é falecido. Foi uma grande figura e grande amigo meu. Ele estudava na Escola Técnica de Goiânia, era do Partido Comunista Brasileiro e deu uma guinada na minha vida do ponto de vista ideológico.

Fiz um processo de ascensão dentro do movimento estudantil. Na época participávamos de muitas greves, e além das bandeiras nacionais, bandeiras democráticas, bandeiras nacionalistas, havia as bandeiras específicas do movimento. Era luta pela escola pública, luta contra o aumento das anuidades escolares, luta a favor nas áreas de cinemas, de espetáculos, de entretenimento. Havia uma movimentação muito grande com reivindicações específicas do movimento dos estudantes. Era um movimento muito forte. Quando desenvolvíamos uma dessas atividades, tínhamos uma influência imensa; parávamos a cidade.

Na época os prefeitos eram praticamente simbólicos, não tinham muita força; tinham um gabinete para sentar e mais nada. Quem mandava em tudo era o governador. Na época, em Goiânia, quem detinha todo o poder era o governador. Nossos confrontos eram com a polícia.

Os governadores de um modo geral eram quase todos ligados ao PSD; e, como as pessoas diziam, existia o PSD progressista e o PSD conservador. Lembro-me do José Ludovico de Almeida, depois José Feliciano, depois Mauro Borges - nessa sequência. Todos esses governadores de um modo geral davam certo acolhimento ao movimento estudantil. Quando a situação ficava muito complicada, confrontos com a polícia, o governador entrava e colocava panos quentes. A salvo no movimento do dia cinco de março que foi uma tragédia.

5 DE MARÇO DE 1959

Era um movimento contra o aumento da anuidade escolar. Houve uma repressão e, então, convocamos uma greve e uma espécie de comício que aconteceria na Praça do Bandeirante. Lembro-me que o movimento na cidade estava muito intenso e havia uma luta política, que até hoje não sabemos se foi específica para a repressão do movimento estudantil, ou se foi uma luta interna de poder dentro do próprio PSD. Porque Juca Ludovico estava saindo do PSD para ser o candidato da oposição, no caso a UDN. O governador era José Feliciano Ferreira, que ficou com o velho PSD ao lado de Pedro Ludovico. Juca Ludovico rompe com o PSD e essa ruptura rompe também a estrutura dominante. Muitos interpretavam que eles provocaram essa situação, pois aquela repressão não se justificava.

Lembro-me de que o comandante chegou e me falou, junto com José Martins, que tínhamos cinco minutos para sair. Dissemos que cinco minutos era pouco, que podíamos dialogar, conversar. Ele dizia que não tinha conversa e que era para avisar o restante das pessoas. Dizíamos que não poderia ser daquela forma, e nesse ínterim já começaram os tiros. De princípio pensei que eram festins, bombas de gás de efeito moral, e de repente as pessoas começaram a cair. Próximo a mim um cara levou um tiro no peito, sangrou-se todo; o pegamos e a bala estava alojada no corpo. Então, vimos que se tratava de balas verdadeiras.

Naquela época na praça não existiam os bancos que existem hoje: Banco Itaú, BEG. A Praça do Bandeirante era só tijolo. Para terem uma ideia do que era Goiânia, ali não existiam aqueles prédios, eram apenas lotes. Isso aconteceu no ano de 1959.

O pessoal começou a pegar pedras e a jogar, complicando a situação; jogando pedras em caras armados, com armas de fogo. Quando começamos a sentir as pessoas caindo, um aqui, outro ali, foi um pânico generalizado. Várias pessoas feridas. Tenho a impressão que por sorte as pessoas só foram para os hospitais, acho que não chegou a morrer ninguém. Eram várias pessoas feridas. A cidade no outro dia ficou um caos.

Acho que essa ordem jamais partiu de José Feliciano. Acredito que tenha sido uma precipitação dentro da polícia, ou jogada de interesses políticos. Havia uma interpretação de que o pessoal que apoiaria Pedro Ludovico teria provocado aquele acidente para ser colocado como responsabilidade do governador, que apoiava Mauro Borges. José Feliciano Ferreira vive até hoje e deve ter quase cem anos.

No outro dia convocamos um imenso comício na Praça Cívica, em frente ao Palácio. A cidade parou, a praça ficou cheia e nós fizemos uma reivindicação. Na praça estava a pessoa que queríamos, parecia até combinado, mas não era. Queríamos mudar o secretário, que era o Tales Reis. Exigimos a sua demissão e de todos os delegados de todos os distritos de Goiânia que considerávamos envolvidos. Fomos chamados ao Palácio, e o governador, que era meu amigo pessoal de Jataí, disse que não acreditava que eu, seu amigo, estava fazendo uma agitação daquelas. Disse a ele que não era agitação e que o hospital estava cheio de feridos e que havia acontecido uma tragédia naquele momento.

A cidade estava toda na praça. Os estudantes pegaram Reinaldo Baiocchi e saíram carregando-o e exigindo que ele fosse o secretário. Conclusão: o governador demitiu o secretário e todos os delegados e, ainda, nomeou Reinaldo Baiocchi como secretário de Segurança Pública, como queríamos. Foi uma vitória e um acontecimento inéditos. Nunca ouvi dizer que um movimento estudantil se desenvolveu a este nível e a este ponto. Esse foi o maior exemplo da força desse movimento aqui. Conseguimos pós cinco de março essa vitória.

COMÍCIO DE JUSCELINO KUBITSCHKEK EM JATAÍ

Eu era garoto, estava lá; e por coincidência estava também Toniquinho, que é muito meu amigo. O comício de Juscelino, que andou muito o Brasil para a campanha à presidência, era o acontecimento da cidade. No discurso de Juscelino, Toniquinho pediu uma parte e lhe perguntou se caso fosse eleito cumpriria o aditivo constitucional que determinava a mudança da capital federal para o Brasil central. Em um ato de desprendimento, Juscelino disse que sim. Aquilo poderia ter sido mais uma conversa de palanque, de campanha, mas na realidade acho que aquilo o tocou profundamente.

Juscelino era candidato à presidência pelo PSD e essa campanha aconteceu em 1954 e 1955. Se não me engano ele foi presidente de 1956 a 1961.

Nossa região foi revolucionada, pois era aquela história que todos sabem: tudo acontecia no litoral. Com a decisão de Juscelino de mudar mesmo a capital, a história do Brasil pode ser contada antes e depois, sem dúvida. O próprio Governo de Juscelino foi um governo marcante,

progressista, democrático e de grandes avanços para a sociedade brasileira, tanto do ponto de vista político, como do ponto de vista material e econômico. Nós da região saímos do isolamento. Conheço Goiás antes da criação de Brasília, era o isolamento total. Vivíamos longinquamente, quase que longe de Deus e perto do Diabo; era difícil a vida aqui. Houve uma revolução, isso é inegável e graças àquele início em Jataí.

O CRESCIMENTO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Havia uma dissidência do movimento estudantil, e a essa altura nós já tínhamos fundado uma entidade que se chamava Frente Democrática dos Estudantes e a fundimos com a antiga UEG – União dos Estudantes Goianos - fundando a UGES. A UGES se tornou uma entidade estudantil ampla, e depois do cinco de março se tornou uma entidade muito forte e respeitada. O governador na época atendia as nossas reivindicações. Passamos a manter a sede da entidade no Lago das Rosas, no antigo Castelinho, que era uma construção art déco muito bonita onde antes funcionava uma boate. Passamos a ocupar e construímos um restaurante estilo dormitório. Foi um momento de fortalecimento muito grande do movimento estudantil.

Fui fundador e, por duas vezes seguidas, o presidente da UGES. Acabei tendo uma projeção fora da realidade. Nessa época eu já estava engajado com a esquerda. Não cheguei a entrar no Partido Comunista nessa época, mas era muito esquerdista. Entrei naquela coisa meio primária. Abracei aquela causa toda como se fosse o salvador da pátria, da humanidade e sem querer me liguei a correntes que achavam que o Partido Comunista Brasileiro era reformista. Eram vários chavões, diziam que era um partido que não queria a revolução. Nesse ínterim acontece a famosa Revolução Cubana. Cuba se liberta da Ditadura do Batista com bandeiras nacionalistas, com ligações com o Movimento Comunista Internacional. Fidel Castro, Che Guevara não eram de origem do partido, mas parte do partido cubano havia participado.

Nesse ínterim fui eleito vice-presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – UBES, que também já tinha muita força a nível nacional; e eu como tal fui a uma viagem a Cuba no segundo aniversário da Revolução Cubana. Fui representando o Brasil. Formou-se uma delegação, eu fui representando os estudantes. Foram os representantes da UNE; representante do Congresso Nacional, que era Almino Afonso, um figuraça da política brasileira; foi Josué de Castro, que era o chefe dessa nossa delegação.

Eu tive um verdadeiro deslumbre com a Revolução Cubana. Uma espécie de paixão à primeira vista com tudo aquilo; e aquilo era, naquele momento, tudo que podia acontecer de mais profundo e significativo na luta contra a opressão na América Latina; contra as ditaduras, contra o atraso, contra o chamado imperialismo americano. Então eu chego em Cuba e faço um quase que verdadeiro compromisso de fé, de amor, de entusiasmo, com muita ingenuidade. Eu tinha vinte e poucos anos. Quando fui a Cuba me engajei profundamente.

Tenho documentos com fotografias ao lado de Zé Porfírio, Fidel Castro, Olinto Meireles, que foi representando a UNE, o Ezin que era dirigente do Partido Comunista aqui. Tenho fotos com

uma porção de pessoas expressivas em Cuba. Dei entrevista para a revista mais importante da época em Goiás, Vera Cruz, que, aliás, era a única que existia. Depois surgiu outra publicada por Iberê Monteiro, no Rio de Janeiro.

Essa ida a Cuba acaba me moldando dentro daquele ideário revolucionário romântico, salvador da humanidade, contras as injustiças humanas e engajado em um processo de luta latino-americana. Volto de Cuba com muita ligação.

LIGAS CAMPONESAS

Nesse período eu já havia conseguido as primeiras ligações com as Ligas Camponesas. Eles haviam me procurado dado as minhas participações em congressos de estudantes. Eu havia ido ao Pernambuco e ao Rio de Janeiro várias vezes. Aliás, nesse período eu estava morando no Rio e, como vice-presidente, morava no prédio onde a UNE e a UBES funcionava na Praia do Flamengo.

Fui procurado pelo pessoal das Ligas, na época o Diniz Cabral, Clodomir de Moraes, que era um ex-deputado do Pernambuco e um dos principais dirigentes da Liga, e pelo próprio Julião. Eu estava em contato com eles e eles estavam com profunda ligação com Cuba. Fui naturalmente recrutado para a militância política da chamada Ligas Camponesas, que era um movimento radical pela reforma agrária, mas que não se contentava apenas com essa luta, eles tinham uma proposta no estilo cubana para a realização de um processo revolucionário no Brasil. Essa proposta era latino americana, era uma proposta que contrapunha a linha política do Partido Comunista Brasileiro. O Partido Comunista Brasileiro estava em um processo de democratização, de conquistas democráticas, de participação no Governo de João Goulart, que era um governo democrático, nacionalista, dentro da linha do partido e com profundas propostas e profundas mudanças. Reformas de base, conquistas na área dos trabalhadores, nos sindicatos; fundando a central única dos trabalhadores pela primeira vez na historia do Brasil: a CGT, Central Geral dos Trabalhadores que era influenciada e praticamente controlada pelo Partido Comunista Brasileiro. Era um momento de auge na luta democrática do Brasil, onde a principal figura era João Goulart, e em segundo plano o Partido Comunista Brasileiro.

Nós ligados às Ligas, ligados a um esquerdismo que eu considero bastante meio irracional, nos contrapúnhamos a isso e achávamos que o que tínhamos que fazer era revolução. Queríamos transformar a reforma agrária em uma bandeira revolucionária tal que ela empolgasse todas as outras bandeiras de uma revolução; e isso ia de confronto com o que estava acontecendo no Brasil. O que estava acontecendo no Brasil era importantíssimo para aquele momento. Nós, querendo ou não, fomos gasolina no fogo da inconsequência de uma radicalização artificial que terminou ajudando muito a direita e, em particular, os segmentos de direita dentro das Forças Armadas e dentro da UDN, que era o partido que sempre tentava fazer o golpe no Brasil.

Aqui em Goiás tínhamos o Governo do Mauro Borges, e eu era assessor especial do governador. Participei da campanha, tinha uma ligação profunda e trabalhava no gabinete dele.

No Governo do Mauro, o Partido Comunista participava. Ele fundou a Secretaria do Trabalho, que era um grande avanço na organização do sindicalismo. Organizar um sindicato em Goiás era um horror, era um perigo, organizar uma Liga também, e nós participávamos disso.

Existia o Conselho Estadual das Ligas Camponesas do qual eu era o presidente. Era composto na maioria por jovens também dentro dessa linha mais radical. Mas tinha o Partido Comunista do outro lado, que tinha uma proposta muito mais adequada para aquele momento de avançar de acordo com as possibilidades, compondo com Mauro.

Mauro foi até considerado uma espécie de traidor pelo PSD, pois o PSD era o partido dos fazendeiros e, embora não tivesse esse segmento, ele apoiou a sindicalização rural. Essa foi uma atitude considerada horrorosa pelos fazendeiros. Diziam que o comunismo tinha tomado conta do mundo. Fundar um sindicato em qualquer lugar era uma coisa escabrosa.

Já se tinha a tradição em Goiás de luta dos posseiros. Comandada por Zé Porfírio, era anterior; era uma luta pela terra, luta contra grileiros. Não era uma luta de caráter mais profundo, era uma luta localizada, mas que deu vazão a muitas interpretações. Um terror que se criou no meio do mundo rural entre os proprietários rurais.

A bandeira de que os comunistas iriam tomar as terras, tomar as fazendas era agitada. Ter trabalho assalariado no campo era algo que praticamente não existia, era muito pouco. Trabalhador rural ter férias, ter salário mínimo era um afronto, um insulto. Você entrava com essas propostas dentro do que havia de mais conservador na sociedade goiana, que é até hoje uma sociedade rural. Dá para imaginar o que era na época! Nesse contexto é que eu tive essa ligação com as Ligas Camponesas e virei o ‘Senhor Radical’, o chefe dessa situação toda. Os cubanos me davam um valor que eu não tinha, um exagero; e de um momento para outro me vi um comandante revolucionário. Era essa a realidade.

Descubro mais tarde que, além da parte política que fundamos na Liga Camponesa, já havia um movimento militar com campo de treinamento de guerrilha e com suportes. Quando descobri tive o impacto por um lado e por outro imaginava que realmente a revolução estava chegando. A ideia que se tinha era que com cinco focos de guerrilha, como foi feito em Cuba, você poderia pipocar com o restante do país que viria atrás. Como se houvesse um clima revolucionário generalizado, como se o país estivesse todo pronto para repetir aquela façanha cubana.

Aquilo era específico de Cuba, era uma realidade que jamais se repetiu em outro lugar. Mas não era assim que a situação era vendida. A situação passada era que a América Latina estava madura para aquele tipo de revolução, e acabávamos entrando naquilo. Não morríamos, apesar de terem alguns que morreram, porque a inconsequência era grande. Em um determinado momento me colocaram que precisavam que levássemos jovens para os campos de treinamento, e eu fui acionado para isso. Fui para uma reunião nacional. Era o Congresso dos Trabalhadores Rurais em Belo Horizonte, onde aconteceu uma explosão de radicalismo das Ligas Camponesas contra as teses do Partido Comunista, que dominava o movimento sindical rural.

Chegamos com as Ligas Camponesas e havia cisões dentro do próprio partido, de elementos mais radicais. Saímos então daquele congresso como se fosse a boca da revolução. Em seguida houve uma reunião nacional das Ligas Camponesas em Pernambuco e fui eleito para o Conselho Nacional das Ligas Camponesas do Brasil. De lá comecei a participar das decisões nacionais e com responsabilidade de também militar. Assustei, mas era aquela a situação. Eu tinha que ajudar no recrutamento de jovens para os campos de treinamentos e eu cumpri essa tarefa aqui em Goiás. Recrutei varias pessoas, inclusive do Formoso porque Zé Porfírio tinha uma grande simpatia e eu tinha uma imensa amizade com ele. Ele era do Partido Comunista, mas tinha seus momentos de confronto e inclusive me ajudou a recrutar de dentro do Formoso vários ex-resistentes. Nessa situação o partido também aproveitou e mandou alguns para saber o que estava acontecendo nesse campo de treinamento. Foram pessoas para o campo de treinamento do Mato Grosso. Tinha campo de treinamento no Paraná, na região de Cascavel; na fronteira de Minas com a Bahia; tinha no Maranhão e no Norte de Goiás.

Eu era do gabinete do governador, assessor especial do Mauro Borges, e sua confiança era algo incompatível. Em um belo momento, Clodomir Moraes, que era um dos principais líderes, me chama e me diz que estavam com um problema sério em Goiás e que eu teria que encontrar uma maneira para que se resolvesse a situação. Perguntei o que estava acontecendo e ele disse que tinha um campo de treinamento no município de Dianópolis, norte de Goiás, que hoje é Tocantins, e que tinha gente desconfiada, mas não tinha jeito de tirar o pessoal lá. Acontece que em Dianópolis tinha um ex-delegado de polícia que era juiz de direito, que tinha sido do Movimento Integralista e focou que aquilo estava errado.

Eles haviam deslocado uma série de jovens intelectuais do Nordeste e jogado lá. Compraram uma área e construíram umas construções totalmente diferentes e os jogaram no meio de uma mata chamada Rio da Conceição. Eu estive lá, pois foi me passado que eu fosse o responsável pelo apoio a eles. A ideia deles era a de continuar com o pessoal, mas a essa altura, como a cidade de Dianópolis era pequena, já estava tudo furado e já havia virado de conhecimento público.

Naquela época havia rota de avião daqui para lá, era a linha da Cruzeiro do Sul, e me mandaram para lá. Disseram-me que eu teria que dizer que aquilo era uma cooperativa, que iria criar pequenos animais, que iria revolucionar a região e que traria empregos. Era uma forma de irmos disfarçando até amadurecer as condições para a luta acontecer. Essa era a primeira orientação. Fui até lá. Quando cheguei na cidade, o pessoal me conhecia, pois havia participado de campanhas políticas. Eu era jovem, mas já tinha participado da campanha do Mauro, já tinha dormido em Dianópolis na casa do chefe militar de lá, que era o seu Joca. Cheguei lá e o agente da Cruzeiro do Sul, que depois veio a ser prefeito, era meio aparentado meu; ele era de Correntina, cidade da minha mãe, perguntou o que era aquilo e falou para que eu tivesse cuidado.

Fui ao foco do treinamento e vi o pessoal. Lembro-me do nome de alguns como Carlos Montarroyos, e Joaquim Ferreira, que era economista; eles eram do Pernambuco e da Paraíba. Era um pessoal como eu, muito cheio de idealismo, mas não tinha nada a ver com essa situação de guerrilha. Lá tinham cacarecos velhos que diziam ser fuzis 1908. Fizeram uma construção; era uma coisa meio oriental, toda redonda com ranchos. Os caras dormiam em cima e em

baixo. Compravam rapadura porque na época da luta tinha que ter rapadura e farinha. Era um negócio, fiquei admirado.

Quando voltei para a cidade estava escrito nos muros “Fora Julião Mirim, Fora Comunistas”. Isso estava pregado nos muros da cidade de Dianópolis. Fiquei admirado, me perguntando que loucura era aquela. Peguei o avião e voltei para o Rio de Janeiro, porque o comando era para que se arrebetasse tudo. Quando ia saindo o chefe da Cruzeiro do Sul, Negro de Oliveira (nunca me esqueço dele, pois era meu parente, foi prefeito da cidade por várias vezes e deve estar vivo até hoje), disse que eu estava era doido; que o Exército já havia ido lá por várias vezes e que a Polícia Federal, que na época tinha outro nome, já havia ido lá e feito um levantamento e constatado que havia comunistas e que todos seriam atacados. Ele me disse que sabia o que estava acontecendo. Ele havia ido buscar gasolina para os aviões em Barreiras, tinha ido em um caminhão, e um cara pediu carona e ele o levou na carroceria. Houve uma “bacada” e os documentos do cara caíram. Ele pegou e viu que ele era capitão. O homem pediu para que ele não falasse nada, disse que era da Polícia Federal e do Exército, que teria um bando de comunistas fazendo arruaça lá e que eles prenderiam todos, mas que contava com o silêncio dele. Ele me contou isso e voltei de posse de todas essas informações. Fui para o Rio de Janeiro correndo, apavorado, dizendo que tínhamos que tirar o pessoal de lá imediatamente, senão seria um escândalo sem tamanho.

Antes, o governador Mauro Borges me chamou. Inclusive, em entrevista para o Jornal Opção, ele contou esse episódio. Ele me chamou e me disse que estava sabendo de tudo, e que Érides Guimarães, secretário do Trabalho havia sido procurado. O coronel o procurou dizendo que estávamos doidos, fora da realidade e que aquilo era um absurdo. Ele disse que gostava muito de mim, que eu era uma pessoa que ele tinha apreço (até hoje somos grandes amigos), mas que eu teria que decidir: ou continuaria em seu gabinete, e para isso eu teria que romper com aquele tipo de agitação; ou do contrário eu teria que sair do gabinete e de seu Governo. Disse a ele que preferia sair. Isso aconteceu em 1962, 1963, bem antes. 1964 vêm depois. Isso era o movimento das Ligas Camponesas que explodiu no Brasil. Esses campos de treinamento existiam pelo Brasil afora.

Chego ao Rio de Janeiro para encontrar uma saída. Eu havia combinado com o cara que era o comandante, Joaquim Montarroyo, que iria ao Rio pegar um dinheiro para que eles sumissem, pois em Dianópolis já estava tudo arrebetado. Eram vários rapazes universitários, alguns recém-formados.

Cheguei ao Rio e fui à sede da Liga Camponesa. Tinha o jornal e lá estavam Padre Alípio, o poeta Ferreira Goulart, todos me conheciam. Contei o que estava acontecendo em Dianópolis, e disse que tínhamos que tirar o pessoal de lá. Disse ainda que aquela história de campo de guerrilha era uma brincadeira, que aquilo era uma piada, que não havia campo de guerrilha; o que tinha era um pessoal bebendo cachaça e tocando pandeiro, pois não tinham o que fazer e que tudo iria explodir. Eles ficaram surpresos e preocupados.

Clodomir era o comandante geral, o chefe; o adorávamos, criava-se um clima que nós, uma quantidade de jovens, ficávamos todos encantados, paralisados e acreditávamos que estávamos sendo realmente monitorados por aviões, satélites... Clodomir chegou. Disse a ele que teria que

resolver esse problema e que eu teria que voltar imediatamente, pois tinha combinado com o pessoal. Ele pediu que eu tivesse calma, que fosse para um hotel no Flamengo e que me procuraria para conversarmos e resolvermos esse problema. Disse a ele que teria que ser rápido.

Fiquei esperando e ele não apareceu; dormi e ele não apareceu; voltei a dormir e ele não apareceu. Voltei na Liga exaltado dizendo que ele não havia ido. Uma pessoa que estava lá me disse que ele tinha ido para o Pernambuco buscar um pessoal para mandar reforços para o enfrentamento ao Exército em Dianópolis. A loucura e o devaneio eram tanto que ele tinha ido para o Pernambuco; e de fato de lá ele mandou dois jipes com quatro ou cinco jovens dentro, indo pelo sertão afora para resistir o possível enfrentamento ao Exército.

Os cubanos haviam me colocado que se eu tivesse algum problema, que eu procurasse tal pessoa na embaixada. Era o chefe, o coordenador, o homem que dava a assistência aqui. Não me restava outra alternativa, fui à Liga, conversei com uma pessoa e disse que iria procurá-lo. Fui à embaixada de Cuba, procurei a tal pessoa e me apresentei. Ele disse que já me conhecia. Contei a ele a situação, disse a ele que era uma palhaçada, que não ia dar nada e que isso iria explodir. Disse ainda que todos seriam envolvidos em uma imensa besteira, que isso repercutiria em cima de todos. Ele me questionou se era realmente da maneira que eu estava contando. Disse que sim e que em todos os locais era igual, pois eu havia recrutado pessoas para vários locais desses e era tudo mais ou menos igual.

Era uma situação que não tinha lógica. Era uma situação romântica, mas inconsequente, irresponsável, absolutamente voluntarista e produto de uma imaginação que não tinha nada haver com a realidade brasileira. O chefe da embaixada me disse que teríamos que conversar fora dali. Marcou um encontro comigo em Ipanema, na Praça Marechal Ozório. Mandou que eu fosse para lá, ficasse por tantas horas e que no outro dia pela manhã ele iria, pois a situação era tão grave que ele teria que conversar. Perguntou-me se eu tinha passaporte, falei que sim e ele disse que eu teria que ir a Cuba conversar com o comandante de lá. Ele era o responsável e entrou em pânico.

No outro dia nos encontramos, eu ia relatando e ele escrevendo. Ele me disse que eu teria que me preparar e conversar sobre isso lá. Pediu que eu me preparasse que ele iria providenciar as passagens. Marcamos de nos encontrar dois dias depois. Ele apareceu apavorado, perguntei o que tinha acontecido e ele disse que havia repassado o relatório aos companheiros que estavam aqui para que eles levassem para o Comitê Central da Executiva do Partido Comunista, com o presidente do Banco Central de Cuba, e o avião havia caído na Cordilheira dos Andes, próximo a Lima. Disse ainda que havia mandado o relatório detalhado e que a mala era diplomática, de ferro para que não pegasse fogo. Ele disse para que suspendêssemos tudo, e eu disse que eles iriam atacar lá. E foi isso o que aconteceu. A Polícia Federal atacou Dianópolis e prendeu o Gilvan. Os outros entraram no mato e foi uma confusão. Era a principal notícia dos jornais.

Passado alguns dias, eu estava no Rio de Janeiro, decretaram minha prisão em Dianópolis e eu estava escondido no Rio. O que havia acontecido? A CIA pegou a tal mala e o tal relatório e repassou ao “Estado de São Paulo” que começou a publicar em série. Saiu no Estado de São Paulo, era tanta informação... Diziam que o comunismo cubano estava querendo fazer guerrilha no Brasil.

Carlos Lacerda entra e leva aquilo para a Câmara dos Deputados, dizendo que eu era primo de Fidel Castro e estava infiltrado no Brasil. Isso foi um horror. O cubano foi embora e logo em seguida isso era pano quente para o golpe de Estado. Na realidade, isso foi ajudando.

A situação era tão complicada que quando ficou sabendo disso, Almino Afonso, líder do Governo que depois foi ministro do Trabalho e é meu amigo até hoje, mandou que me chamassem para resolvermos essa provocação que estávamos fazendo, mas de uma maneira que não prejudicasse. Fui conversar com ele, e ele disse que daria um jeito de fazer com que os ataques fossem amenizados; que eles poderiam atacar matar, e acabou. Poderiam dizer que isso era conversa fiada de algum babaca que queria fazer Liga Camponesa e ficaria por isso mesmo. O Governo passaria uma esponja. Combinei com Almino, e até com um militar que disse que iriam esquecer aquilo, que aquilo iria acabar e que havia sido um momento de desvario, mas a documentação do avião que caiu não deixou com que essa situação ficasse escondida.

A pessoa que informou, inclusive morreu há pouco tempo. Eu cheguei a encontrá-la em Paris, e ela disse que havia passado um ano e meio em um canavial cortando cana por castigo. Ela era adido cultural, uma pessoa super legal.

Há pouco tempo o Élio Gaspari publicou a morte desse cara dizendo que aquela história ninguém nunca iria saber, mas eu sou aquela história, eu fiz aquele relatório. Esse foi um acontecimento que mexeu muito com o Brasil na época, porque realmente acabou sendo uma prova, sendo algo que não tinha como sujeito fantasiar em cima.

FUNDAÇÃO DO PCdoB EM GOIÁS

A partir desse momento as coisas começaram a ter outra conotação. Passado algum tempo eu fugi; fiquei escondido, tinha prisão decretada. As coisas foram passando e fui me esconder no Rio Grande do Sul. Fui sentindo o clima e passado alguns meses depois voltei para Goiás. Procurei a cobertura de alguns amigos. Eu era muito conhecido e fui preso rapidamente. Foi uma prisão rápida, mas resolveram não complicar e me deixar porque não interessava levar isso adiante. Não interessava ao Governo do Mauro. Quem entreviu para que me soltassem foi Cristovão do Espírito Santo, deputado estadual eleito pelos estudantes e que era do governo.

Fui voltando para o movimento, era estudante de Direito. Fui participando dos movimentos com muita discrição. Houve uma grande cisão do Partido Comunista em 1961, aquela cisão da chamada linha pró-chinesa. Foi no 20º Congresso do Partido Comunista e provocou uma cisão mundial no partido. Aqui no Brasil a cisão foi comandada por João Amazonas, pelo Arruda, por Maurício Grabóis, Pedro Pomar e outros que fundaram então uma dissidência do Partido Comunista Brasileiro, que é o PCdoB – Partido Comunista do Brasil, ligado à China.

Grande parte de nós que vínhamos da Liga Camponesa, que tínhamos divergências e tínhamos uma postura esquerdista, entrou para o Partido Comunista do Brasil – PCdoB. Fui o fundador do PCdoB em Goiás. O Neso também era parte e já encampamos e fundamos o PCdoB em Goiás e passamos a militar no partido. Isso aconteceu antes do golpe. PCdoB antes do golpe, já

ligados à China, em um radicalismo maoísta que não era em cima de um foco de guerrilha, mas de uma possível guerra de libertação nacional. Era a teoria de Mao Tse Tung, na época defendida pelo Partido Comunista chinês, como se fosse viável no terceiro mundo repetir a experiência chinesa, levando-se em conta a realidade. Era mais racional, era mais pé no chão, mas mesmo assim muita gente ia fazer curso na China. Na China se fazia curso político e curso militar, e eu também fui. Nesse ínterim há o golpe de Estado aqui, o golpe de 64. Havia um clima revolucionário.

O GOLPE

Eu estava em uma reunião da direção do Partido Comunista do Brasil, em Niterói, no Rio de Janeiro. Imediatamente a reunião foi suspensa e cada um voltou para suas bases. Peguei um avião e voltei para Goiânia. Fui preso uns quinze dias depois.

Participamos das resistências e tentamos resistir ao golpe. Quando vimos que não tinha jeito, fugi. Eu tinha o projeto de ir para a fazenda de um irmão meu, na época era muito longínqua, e de lá me exilar ou ir para outro lugar. Enquanto estava lá, dia 15 de abril, fui preso pela polícia de Mauro Borges.

Mauro Borges apoiou o Golpe. Mauro tinha uma profunda divergência com João Goulart. Mauro participou do movimento da legalidade para garantir a posse de Jango. A primeira tentativa de Golpe foi quando Jânio Quadros renunciou. Jango estava de viagem à China, os militares se reuniram e deram um golpe provisório. Pegaram o presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, e fizeram com que ele assumisse. Impediram que Jango voltasse ao Brasil, e Brizola levantou um movimento de resistência no Rio Grande do Sul pela legalidade e posse do Presidente eleito. Mauro o acompanhou em um fortíssimo movimento, em que nós todos participamos.

Eu não havia falado desse fato, mas foi um fato marcante que fez com que Goiás aparecesse a nível nacional como um local de muita consciência política, de muita participação, como um dos focos da esquerda democrática no Brasil. E o Mauro foi o comandante de tudo isso. Mas Jango, embora tenha sido altamente reformador, tenha sido responsável por um dos melhores momentos da vida política brasileira, com relação ao Mauro ele não foi correto, em minha opinião. Por influência de outros setores, levou para o Governo o pessoal do PTB que estava aqui. Considero que o PTB aqui era dirigido pelo vice-governador do Mauro, Rezende Monteiro, e outras pessoas; era uma situação ruim, o nível deles era baixo se comparado ao Mauro. Mauro se sentiu absolutamente traído. Eles nomearam presidente da Caixa Econômica; todos os cargos federais foram para esse grupo e o Mauro ficou muito “mordido”. Inclusive, chegaram a nomear uns dos principais adversários de Mauro, Alfredo Nasser, como ministro da Justiça. Ele foi indicado pelo governador de São Paulo, Ademar de Barros, mas de qualquer forma aquilo caiu como se fosse uma afronta ao Mauro. Tudo que Jango fazia caía como afronta ao Mauro.

Mauro tinha uma profunda divergência com Antônio Ermírio de Moraes, que era dono das reservas de níquel de Niquelândia, e eles viabilizaram a participação de Antônio no Governo. Mauro foi em um processo de confronto com o Governo Federal, um sobre o outro. Mauro tentou fazer o governador de Brasília, não conseguiu. Mauro não conseguia nada com o Governo, e ele havia sido a principal figura depois do Brizola na resistência.

É preciso compreender esse momento do Mauro vivido aqui. Ele passou a ter o Jango como inimigo e eu acho que Mauro acreditava que o golpe seria algo passageiro; que tiraria Jango; faria eleições; JK voltaria... Mas na realidade o golpe foi dado por quem vinha elaborando uma concepção golpista profunda de ocupar o poder por muito tempo, como de fato aconteceu.

Mauro apoiou no começo com muito cuidado, não houve torturas. Eu por exemplo, só fui torturado depois pelo Exército. Não sei de torturas naqueles primeiros momentos. O secretário de Segurança Pública era Rivadavia Xavier, que se empolgou e o golpe subiu à cabeça. O delegado do DOPS era Jurandir Rodovalho. Foram feitas várias prisões, se montou um fichário corrido de comunistas de uma hora para outra, e eu era uma das pessoas mais marcadas. Eu fugi, mas me denunciaram. Depois de uns quinze dias fui preso e transportado pra cá.

Há uma contradição aparente muito forte com Mauro. Não estou justificando, estou fazendo uma análise de acordo com meu entendimento do porquê Mauro teve esse comportamento. Ele acabou sendo vítima, foi tão vítima deles que foi o único Estado que sofreu intervenção no Brasil. Em nenhum outro teve intervenção. O Arraes caiu, mas eles foram lá, o prenderam e em um acordo o vice assumiu. Aqui não. Eles interviram, derrubaram o governador, não deixaram o vice assumir e colocaram um marechal do Exército como governador.

Eu fui torturado e denunciei o fato no Jornal Correio da Manhã, na época. Fui torturado para que denunciasse que o Mauro era o líder das Ligas Camponesas. Que as guerrilhas, os campos de treinamento todos tinham sido feitos pelo Mauro. Disse a eles que era uma loucura, pois Mauro tinha feito era me prender e que aquilo não havia existido. Eles queriam um álibi, um motivo para intervir em Goiás e supervalorizaram o papel da Liga Camponesa.

Com a Liga Camponesa fizemos grandes arruaças nas regiões de Jussara, Montes Claros; invadimos fazendas abandonadas. O movimento estudantil participou muito daquilo. Mas a Liga Camponesa não teve essa força que eles fantasiaram para justificar a intervenção em Goiás. Quem tinha essa força aqui era o Partido Comunista Brasileiro; eles sim tinham muitos sindicatos organizados, tinham uma estrutura. Mas nós tínhamos uma estrutura que fazia muito barulho e serviu de interesse aos golpistas.

Eu era o presidente da Liga Camponesa no Estado. Eu participei dessas invasões, conduzi as tomadas das fazendas, fui eu quem conduziu isso lá. Fomos presos pelo Governo do Mauro, bateram em muita gente ligada a nós. Mandaram um avião e vim preso pela polícia do Mauro. Tiveram que me soltar, pois eu era do gabinete do Mauro; e, ao mesmo tempo, houve um manifesto estudantil na rua muito forte exigindo minha soltura. Fiquei preso por uns cinco dias no DOPS e acabaram me soltando.

O fato é que Goiás era um centro muito ativo. Um dos fatores principais em Goiás era a presença do Mauro no Governo. A resistência liderada por Mauro trouxe o foco para Goiás.

O movimento estudantil era forte, o Partido Comunista tinha um trabalho; eu e um grupo de pessoas encampamos a chamada Liga Camponesa e queríamos provocar fatos que justificassem a existência de um clima revolucionário no país, que na verdade não existia. Era um clima de reforma, de avanço, mas achávamos que existia um clima revolucionário e queríamos artificialmente fazer isso. Inconscientemente fiz muito isso e depois continuei fazendo no PC do B, porque fui o fundador e o primeiro presidente do PC do B aqui.

Estávamos convencidos, tanto é que depois do Golpe, Neso assaltou o quartel do Tiro de Guerra em Anápolis para pegar as armas para fazer a resistência armada. Havia em Goiás uma efervescência e uma consciência política muito forte, mas com todos esses aspectos e contradições existentes naquele momento. Goiás foi um lugar privilegiado sob alguns aspectos, mas ao mesmo tempo um laboratório de experiências.

FUGAS E PRISÕES

Tive essas duas prisões anteriores, mas a que mais pesou foi a de 1964, porque fiquei preso por mais ou menos um ano. Fiquei muito tempo preso e depois soltaram praticamente a todos.

Fui preso no interior em uma cidade que na época era município de Piranhas; depois virou distrito de Arenópolis e hoje é cidade, depois do Rio Caiapó. Minha prisão foi lá, e na época não tinha nem a ponte no Rio Caiapó, não tinha estrada. Você tinha que ir para Piranhas, depois para Jataí e depois que vinha para cá; era tudo estrada de chão. Isso em 1964. Fiquei preso por muito tempo, me soltaram no Governo do Mauro. Mauro corretamente mandou avisar para meu irmão, através do Paulo seu irmão que já faleceu, que se o Exército intervisse aqui ele me soltaria. Eles eram obrigados a me manterem preso, pois eles exigiam e eu era tido como exemplo de agitador ligado ao movimento comunista internacional e a Cuba. Mas se ele sentisse que fosse cair, ele me liberaria.

Antes de intervirem, eles me pegaram no CEPAIGO e me levaram para o 10ºBC, que é o quartel do Exército, para ser torturado, por ironia, para que eu denunciasse o Mauro. Denunciei isso na época; saiu na imprensa nacional, no Correio da Manhã e em outros jornais, pois na época ainda se tinha certa liberdade. Isso foi antes de 1968 e a ditadura ainda não tinha fechado tanto.

Denunciei que fui preso pela polícia do Governo e que depois me pegaram, me levaram para o Exército para ser torturado para que denunciasse o Mauro como chefe da Liga Camponesa e uma porção de 'baboseiras'. Eles arrumaram um álibi, montaram um aparato monstruoso e queriam encaixar os personagens para que todos denunciassem o Mauro.

O que mais me assustou, foi ser torturado em um quartel do Exército. Nós estávamos acostumados, em meio às agitações, com Exército chegar como salvador. Achávamos que o Exército era nacionalista, democrata e estava do lado do povo. Era uma bela ilusão. Veio o golpe de Estado e quando fui torturado nesse quartel, na hora, tive um trauma comigo mesmo.

Fiquei espantado por estar sendo torturado dentro de um quartel do Exército. Foi um dos maiores traumas que tive em minha vida.

Depois disso, fui torturado por várias vezes: fui torturado pelo Exército em São Paulo, pelo DOI-CODI no quartel da Tijuca no Rio de Janeiro, mas aqui a ficha já tinha caído na real. Aquela tortura no quartel do Exército foi um dos momentos mais cruciais da minha vida. Estava indignado por ser torturado pelo Exército, no quartel do Exército, e era real. Isso aconteceu com vários, inclusive alguns foram assassinados lá, como o Ismael Silva e outros.

Fui preso várias vezes. Fui preso em São Paulo, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, no Pernambuco, em Brasília. Foram várias prisões. Fiquei por mais ou menos quatro anos e meio na cadeia durante o período do golpe. Aqui em Goiás fiquei preso por quase um ano; levaram-me para Brasília e lá fui libertado. Ainda havia habeas corpus.

Minha mãe, valorosa Joaquina Ramos de Castro, minha heroína, que depois que entrei para o movimento também evoluiu politicamente e passou a ser uma militante de esquerda, me apoiava e tinha uma participação fantástica. Todos que conheceram minha mãe militando têm por ela uma amizade, um respeito. Ela foi uma pessoa fantástica não só porque me gerou. Brinco que devo a minha mãe três vidas: uma que ela me pariu, me concebeu; e duas que ela não deixou que me matassem.

Na primeira vez que fui solto por habeas corpus, ela conseguiu simplesmente que Sobral Pinto, o advogado mais famoso do Brasil, me defendesse. Minha mãe além da militância tinha essa batalha. Fui preso no Chile, ela foi atrás. Fui preso no Estádio Nacional e no Estádio do Chile, onde fui barbaramente torturado. Fui dado como fuzilado. Chegou a sair na imprensa aqui que uma turma de latino-americanos tinham sido fuzilada. Infelizmente vi os caras sendo fuzilados na hora em que fui preso. Eram cubanos. Fui preso próximo ao quartel, vi quando eles chamaram o cara e o pegaram. Já havia ditadura em toda a América latina: na Argentina, no Brasil, no Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru. Havia uma espécie de condomínio fechado próximo ao quartel em Santiago, que se chamava Antônio Vara, e quando começou o golpe eu estava fora - eu trabalhava numa escola nacional de adestramento.

Eu estava no Deserto do Atacama, em uma mina de manganês, e consegui chegar a Santiago antes de ser preso. Cheguei e com minha companheira que na época era a Cristina, combinamos de fugir. Estávamos na embaixada e não tínhamos como voltar. Fomos passar a noite na casa de um companheiro nosso, nas beiras desse quartel e desse condomínio. Na madrugada, o Exército chegou e prendeu todos os homens. As mulheres foram deixando. Foram nos batendo, e quando saímos na beira do muro eles nos encostaram perguntando a nacionalidade e o que estávamos fazendo lá. Os que não eram cubanos eram separados. Esse foi um dos duros momentos da minha vida, não acreditava no que estava vendo. Colocavam o cara lá e falavam para os soldados prepararem as armas, apontarem e mandarem fogo. Mataram os cubanos: os miolos ficavam pregados na parede, e eles caíam no chão.

Já tive vários momentos bravos e esse eu me lembro de maneira muito marcante. Por causa desse episódio, saiu a notícia que eu teria sido fuzilado. Fomos levados para o quartel e foi tortura em cima de tortura. O Estádio Nacional era até refresco se comparado. Fomos para o quartel e apanhamos muito. Estava caindo neve, e nos levaram para o Estádio do Chile que foi

um horror. Não tínhamos comida, não tínhamos lugar para dormir, e foram 10 dias. 10 dias sem comer. Só nos davam água e, de vez em quando, misturavam um pouco de açúcar.

Estava rasgado, arrebentado. Fiquei com o testículo enorme, pensei que nunca mais iria funcionar. Inclusive tive um filho depois, mas pensava que nunca mais conseguiria. Eles batiam com o cinto do soldado: eu estava com uma calça jeans que se rasgou toda. Ficamos presos nessas condições: sem comida e frio abaixo de zero. Resistíamos porque éramos jovens.

Após dez, quinze dias, fomos transferidos para o Estádio Nacional porque não cabíamos mais naquele estádio. Não tínhamos como comer e dormir; então fomos levados para o Estádio Nacional, que foi transformado em prisão, onde fiquei por 90 dias. Devagar íamos nos recuperando.

Houve uma reação mundial contra o golpe no Chile. Opinião pública mundial e as Nações Unidas entraram no meio. Era uma pressão em cima por causa da matança. Comparado ao golpe do Chile e da Argentina, o golpe no Brasil foi apenas um ensaio do que iria acontecer. Aliás, os torturadores brasileiros foram torturados no Chile, dentro do Estádio Nacional. Oficiais do Exército Brasileiro, agentes da polícia brasileira foram torturados. Não acreditávamos. Pessoas que tinham sido torturadas ensinando os chilenos a fazerem tortura.

Lembro-me de quando prenderam o neto do ministro de Relações Exteriores daqui. Um rapaz muito legal, que estava numa boa curtindo uma música e um fuminho em um determinado lugar. O pegaram, deram uma surra violenta e só depois descobriram que era o neto do ministro de Relações Exteriores daqui. A família descobriu e foi atrás para tirá-lo. Ele estava todo arrebentado e eles ficaram tratando dele, o levando na enfermaria. No camarim do Estádio do Chile é que a situação era pior. Ele disse que lá tinham vários cadáveres e que eles colocavam um por cima do outro. Eles o levavam para tratar, pois não podiam soltá-lo naquela situação. Esse rapaz se chama Sérgio e disse que no dia que saísse de lá, denunciaria. E denunciou mesmo.

Com a pressão internacional e a ONU, liberaram os estrangeiros que estavam presos. Liberaram-nos uns 3, 4 meses depois. Estávamos só 'a carne e o osso'. Levaram-nos para um convento e nos davam comida; sempre um pouquinho pela manhã, um pouquinho no almoço, um pouquinho à tarde, até que se tomasse corpo novamente. Ficamos lá por uns vinte dias, comendo noite e dia; quando dávamos uma melhorada, começavam a nos soltar.

Pedi primeiramente asilo na Suécia e depois pedi na França. A autorização saiu primeiro na Suécia, mas por questões culturais preferi ir para a França. Fiquei por quase sete anos. Fiquei de 1973, quando fui, até a anistia aqui. Voltei depois da anistia.

Eu havia voltado da China, depois de ter feito curso, estava militando no interior de São Paulo e fui preso. Eles sabiam que eu havia vindo da China. Disseram que outros já estavam presos e mostravam as fotografias. Eu sempre negava.

Nunca me esqueço de uma cena em que me pegaram, bateram e me arrancaram os sapatos e eles eram chineses. Eu havia arrancado a etiqueta, mas arrancaram a sola e lá estava escrito em chinês. Para me defender, disse a eles que havia comprado aquele sapato por aí, mas naquela época não havia esse tipo de mercadoria chinesa. Disse, então, que havia ido para a Bolívia e

comprado por lá. Ele me perguntou onde eu tinha ido. Falei uma cidade geograficamente errada: eu estava de um lado do rio, falei que estava de outro. Conclusão: disse que iria morrer e que me entregariam para o Exército. Nesse momento apareceu um norte-americano e foi outro susto que tive na vida. Me levou para o DOPS em São Paulo para o interrogatório; era um norte-americano que se apresentava como Robert. Ele falou que eu iria morrer; que ele era da CIA, que tinham colaboração aqui, que queria me ouvir. Disse ainda que eu havia ido à China com fulano e fulano; que tinham recolhido nosso passaporte entre o Carachi e não me lembro qual a outra cidade. Descemos em Carachi, no Paquistão, passamos a noite e depois pegamos um avião para a China. Aí me lembrei de que todos os passaportes realmente haviam sido recolhidos no ar e que achamos aquilo estranho. Ele deu nome de toda a primeira delegação que tinha ido, e dos que não haviam conseguido pegar ainda. Na lista estavam a Elza Monnerat e alguns outros que morreram na Guerrilha do Araguaia; disseram que seriam presos porque os pegariam. Disseram que eu era um cara inteligente e que deveria ficar com eles, e que aquilo tudo era uma besteira. Era aquela história do agente bonzinho. Disse que eu poderia ir morar nos Estados Unidos, fazer conferência para os jovens nas universidades americanas, mostrando o que aquele comunismo atrasado fazia aqui na América Latina.

Lembro-me bem dessa cena, no DOPS de São Paulo: abriram uma mala com 100.000 dólares. Aquilo me deixou em choque, um americano me interrogando. Falei que aquela possibilidade não existia pra mim. Disseram, então, que eu iria morrer, pois iriam me transferir para o Rio de Janeiro e estavam me dando a última chance. Eles diziam que eu seria entregue para Exército brasileiro e seria morto. Disseram que eu teria que escolher entre a vida e a morte. Ou ficaria com eles, ou morreria. Se era aquela minha última palavra, então iria morrer.

Passaram-se alguns dias, me mandaram para o Rio de Janeiro e fui entregue para o Exército realmente. Levaram-me preso para lá, e prenderam mais gente. O Gerson já estava preso, e estava também o James Allen. Levaram-nos para uma prisão militar que era uma ilha - Ilha de Laje. Tem o Forte de São João, você entra no barco e é a ilha de frente, na entrada da Baía da Guanabara.

Aí presos, passava o dia e a noite, interrogatórios, juntam os presos... O banho de sol era uma hora para cada e um de cada vez para não conversarmos. As celas ficavam nas pedras, dentro de um buraco escuro. Aquilo ficava absolutamente escuro; não tinha energia, acendiam apenas uma energia local. Mas você acaba conversando, pois eram os soldados que ficavam ali. O oficial ia de vez em quando. Tinha um soldado que fumava uma macoinha, a gente tinha um dinheirinho e dava pra ele e íamos ficando amigos.

Quando íamos tomar banho de sol, tinha um soldado que pescava e vendia os peixes e nos colocava para pescar pra ele. Passávamos o dia inteiro pescando para o sargento. E quando o oficial vinha de longe já se recolhia todo mundo. Tínhamos até o cadeado e a chave da cela, mas como era uma ilha não tínhamos como fugir. Mas criou-se uma promiscuidade entre os soldados e os sargentos que nos vigiavam; era pinga, maconha.

Almoçávamos todos juntos no refeitório com os sargentos e soldados e depois voltávamos para a cela. James Allen deu a ideia de todos fugirmos e irmos embora para o México. Dizia que viveríamos bem no exterior como exilados, que saíssemos dali e entrássemos em uma

embaixada. Estavam soldado Botelho, soldado Bráulio e cabo Arraes que era o chefe e contra a ditadura e aquela situação toda. Arraes disse que se o levássemos ele iria, ele toparia. Um soldado falou que ele estava doido. Eu falei para o Arraes que não falasse daquela forma, que eu sabia que ele estava brincando e os seus subordinados poderiam achar que era verdade. Ele respondeu dizendo que realmente estava falando a verdade e que se quiséssemos ele toparia. Disse que queria ir conosco, que o que queria era uma bolsa de estudos e estudar, que não aguentava mais ficar nesse Exército, nesse regime e que não queria mais saber daquilo. Na hora de irmos para a cela, Gerson me falou que Arraes estava achando que eu não queria; ele achava que eu era o chefe de todo mundo. Pedi, então, que falasse a ele que se quisesse realmente fugir que viesse de madrugada, me tirasse da cela para conversarmos fora de lá para que os soldados não vissem. Nessa noite nem dormi e fiquei esperando. De madrugada, naquele corredor escuro no buraco que era a cela, ele chegou e me perguntou se eu queria conversar. Disse que sim; que Gerson havia me falado, mas que achava que ali não daria. Ele me tirou, saímos quietinhos, subimos na fortaleza e ele disse que tudo o que tinha falado era verdade. Eu disse a ele que queria preveni-lo, que era complicado, que tínhamos que encontrar um jeito de sair dali, de fugir. Tínhamos que tomar as armas, tomar a fortaleza. Disse, ainda, que tínhamos que encontrar uma maneira de sair dali porque a nado não daria.

Eu já havia descoberto onde havia um lugar para fugir. Eu já havia avisado para o Gerson e para o James que se algum dia eu não amanhecesse ali era porque eu havia entrado no mar. Eles traziam o jornal e eu olhava o horário da maré. Eu descobri um canal de esgoto que saía da minha cela e caía no mar. Eu fazia exercícios quatro, cinco horas sem parar. Eu calculava que tinha que nadar por umas cinco horas. Arrumei um óleo para passar no corpo e entrar quando começasse a maré cheia. Eu pensava e estava me preparando. Eu falava para eles que se algum dia eu não amanhecesse ali é porque havia conseguido ir embora. Eu estava com o espírito da situação.

Falei para Arraes que ele teria que preparar uma canoa e que, se na hora que tomássemos, eles nos matassem, teriam direito, pois estávamos tentando a fuga. A situação era complicada e tínhamos que saber para onde iríamos. Dei uma missão a ele para testá-lo.

Havia um argelino preso conosco e eles o colocaram lá. Ele havia entrado na fortaleza como turista e o prenderam como agitador, pois a Argélia estava em guerra. Ele estava preso e estava doido, comia até o reboco das paredes. Conversávamos em francês com ele e dava para entender um pouco. Decidimos fazer um teste com o Arraes. Dissemos a ele que ele teria que ir à embaixada da Argélia avisar que havia um argelino preso, que estava apanhando e que aquilo era um absurdo. Fizemos esse teste porque pensávamos que ele poderia estar querendo nos levar para matar. Passados uns dois, ou três dias o embaixador da Argélia apareceu por lá e tirou o cara.

Dissemos, então, a Arraes que ele teria que conseguir uma canoa. Esse meu irmão, que já faleceu, tinha ido ao Rio de Janeiro e estava lá. Falei para Arraes que o procurasse e comprassem uma canoa e um motor na Mesbla, uma loja grande da época. Pedi para que falasse com meu irmão Erlan e conseguisse algum dinheiro para comprar a canoa e também algum pescador; e ele disse que tinha um cunhado. Não deu certo, pois meu irmão tinha ido embora. Tinha um comerciante em Copacabana amigo meu, falei para que o procurasse, mas o

cara ficou com medo e não quis emprestar o dinheiro. Depois esse cara foi preso e torturado, a história dele era estranhíssima.

Arraes disse que namorava a filha do barqueiro que levava a comida, e o filho dele era pescador. Pescava ali na baía, e que poderíamos contratá-lo. Disse que teríamos que bolar uma história para contarmos a ele. A história era que ele teria uns amigos contrabandistas e que quando ele estava de guarda eles desembarcavam na ilha e depois ele os levava de volta. Eles trariam relógios de luxo contrabandeados. Aí montaríamos uma situação que servisse de álibi. Então, juntamos malas com roupas sujas dentro para dizer que eram as malas dos contrabandistas. Ele foi até o pescador, que topou. Prometeu algo como R\$ 200,00 hoje, mas não tínhamos esse dinheiro. Tínhamos apenas uns trocados que havia sobrado.

Ele marcou a data, tudo certinho. Tínhamos que tomar a fortaleza com o dia escurecendo, quando a guarda principal fosse embora. Ele havia feito o levantamento nas embaixadas do México e Uruguai, que eram na Praia do Flamengo. Tínhamos marcado de sair em frente ao Cineclube: chegaríamos, sairíamos correndo, pularíamos o muro da embaixada e entraríamos. Era para ser na embaixada do México, mas vimos que não dava, pois tinham guardas, teria que ser na embaixada do Uruguai. Tudo planejado, tudo certinho. No dia aquela ansiedade, ficamos preparados. Na hora que preparamos, os soldados estavam todos tranquilos, cochilando, pois éramos todos amigos. Metemos as armas neles (metralhadoras, fuzis), dissemos que eles estavam presos e que iríamos fugir. Dissemos que o Arraes iria fugir junto e que eles não reagissem. Um deles pediu que déssemos uma pancada na cabeça porque senão iriam se dar mal. Os pegamos, os prendemos na cela e jogamos a chave fora. Como eles falavam que fazíamos bombas, dissemos que tínhamos um dispositivo e que se eles tentassem se soltar explodiria tudo. Queríamos ganhar tempo e dissemos para que esperassem a chegada da guarda ao amanhecer, mas que não tentassem fugir, pois tudo poderia explodir.

O cara que estava nos esperando para atravessar não poderia saber que estávamos fazendo aquele movimento lá dentro, então falamos para que ficasse longe e fingisse que estava pescando. Ele ainda veio antes para pedir uma água, mas falamos que na hora que estivesse tudo pronto apitaria para que ele viesse. Quando ele chegou, me apresentaram como o chefe. Fiz um auê de contrabandista, disse que o Arraes era nosso amigo, que voltaríamos lá uma vez por semana e que sempre precisaríamos dele. Ele ficou feliz da vida. Dissemos para que às 7 horas da manhã voltasse para pegar o Arraes na Fortaleza e que pegasse o dinheiro com ele, pois estávamos sem dinheiro. Ele disse que não tinha problema, mas que déssemos pelo menos o dinheiro para o cigarro. Tinha um dinheiro que dava para que comprasse um cigarro, e disse para que ele voltasse cedo e pegasse o pagamento com o Arraes. Pegamos as malas, a canoa desceu bem mais em baixo. Desembarcamos e subimos. Pensamos que a última armadilha poderia estar ali.

Antes aconteceu uma cena engraçada. No Aeroporto Santos Dumont, os aviões desciam e batiam o farol muito forte na canoa. O primeiro farol que nos iluminou, achei que era a polícia. James falou para que parasse de ser medroso e que aquilo era farol de avião e não polícia. Descemos e onde pensei que poderia ser a última armadilha, tinham casais se beijando, namorando.

Como combinado, saímos correndo, passamos pelo Largo do Machado e chegamos na Embaixada do Uruguai. Tinha um guarda lá; então, disse a eles que teríamos que subir correndo - éramos todos atletas na época. Falei para subirmos e se o guarda nos segurasse arrebrataríamos ele. Paramos do outro lado da rua: Arraes, eu, Gerson e James e vimos que aquele seria o momento, pois o guarda estava distraído. Saímos todos correndo para subir; o malote vagabundo caiu, James, inconsequente, ainda voltou para pegá-lo; o soldado não sabia o que fazer. Foi um horror. Saímos nas primeiras páginas dos jornais. Foi um horror essa prisão. Foi algo de repercussão nacional.

Passaram-se alguns dias e acabaram entregando o Arraes. Não queríamos que isso acontecesse. O embaixador estava pressionado. O Exército chegou dizendo que iria invadir, dizendo que o Arraes era desertor e não tinha direito a asilo político. O Arraes ia se enfraquecendo, eles queriam dialogar. Certo dia um major nos chamou dizendo que éramos revolucionários e que tínhamos pegado o pobre do Arraes e o tínhamos iludido. Disse ainda que no México havia tido uma revolução, morrido um milhão de pessoas e nunca ninguém havia se exilado. Que tínhamos que ficar aqui, e perguntou do que estávamos correndo. Disse também que tínhamos que nos entregar, senão Arraes pagaria por nós. Justificava dizendo que o Arraes era um desertor, que o pegaria e que o embaixador não poderia assumir aquilo. Pressionando-nos.

Terminada essa história toda, disseram que se voltássemos garantiriam as nossas vidas. Disse a eles que não voltaria em hipótese alguma. Eu dizia a Arraes que aquilo era uma mentira e para que ele não aceitasse voltar. Eles disseram ao Gerson que sabiam que seu pai estava doente, com câncer e que iriam protegê-lo; ele disse que não voltaria, e James da mesma forma. Essa pressão continuou, e certo dia Arraes voltou de lá de dentro fumando; ele estava dialogando demais e cedendo. Disse a ele que iríamos amarrá-lo, pois não iriam invadir a embaixada. A conclusão foi que Arraes acabou aceitando negociar e voltar com os caras. Fizeram um carnaval com ele, foi preso e o “diabo”. Isso estava em toda a imprensa da época. Foi assim que aconteceu essa fuga.

Ficamos na embaixada por oito meses. Eles não nos davam a passagem. Era como uma prisão, pois não davam o salvo conduto para que saíssemos.

O dia que fui preso depois da fuga, eles me levaram para Recife. Eles estavam matando mesmo, então fui olhando cada coisa como se fosse a última vez: o mar, os coqueiros. Levaram-me para o DOPS e acabei não morrendo.

Outra vez foi no DOI-CODI no Rio de Janeiro. Começaram a me bater e pensei que morreria. Disseram que eu era o atleta da laje; que tinha fugido de lá; que eu era um filho da puta. Bateram e ironicamente me deram as boas vindas ao Exército brasileiro. Estava de capuz, pensei que fosse morrer. Bateram com um soco inglês no peito e desmaiei. Devo ter acordado um tempo depois; estava no chão, jogaram água em mim. Não sei quanto tempo durou, pois começaram de dia e já era noite. Nesse dia também pensei que fosse morrer, mas não morri. Levaram-me para uma solitária e lá fiquei por noventa e três dias. Apanhei mais uma vez, queriam que eu assinasse alguns papéis e eu me recusei. Eu queria ler o que estava escrito. Eles estavam me transferindo, pensei que pudessem estar me levando para matar. Perguntaram-me se não ia assinar e começaram a me dar pancada, até que assinei.

Os papéis eram a transferência do DOI-CODI. Estava condenado há quatro anos e meio em Juiz de Fora e estavam me levando para a prisão. Até chegar a Juiz de Fora eu sofri, pois achava que estavam me levando para me matarem. Eles falavam que estavam me levando para o estradão. Pararam no quartel, e um deles disse que o primeiro “teco” seria dele. Eu dentro do camburão escutando aquilo, pensei que havia chegado a minha hora.

Nas curvas da estrada de Santos, vazava o gás do escapamento que começou a entrar dentro do carro e comecei a passar mal, vomitar. Comecei a meter o pé naquele troço. Os caras me xingavam e falavam para que eu parasse. Eu falei que estava passando mal e, como iria mesmo morrer, continuei a meter o pé. Eles pararam, eu estava todo vomitado. Estava amarrado em um banco de ferro, algemado. Eu falei que poderiam fazer o que quisessem. Falaram para que eu descesse que iriam me dar o “teco” ali mesmo. Mandaram que eu corresse, disse que não iria correr. Então, mandaram que eu quebrasse uns galhos para cobrir os vômitos. Veio-me, então, o pensamento de que estavam me levando para Minas Gerais, eu estava condenado em Juiz de Fora, e era isso mesmo. Tanto é que quando cheguei na prisão achava que aquilo era o paraíso, e os caras ficavam “putos”. Falava que aquilo era o paraíso, tinha coletiva de presos, tinha comida, tinha cigarro, tinha som, música. Era uma penitenciária rural que foi transformada em cadeia somente para os presos políticos. Os presos políticos ficavam “putos” por estar achando bom. Eu dizia que comparado aos lugares de onde eu tinha vindo, aquilo era um paraíso.